

ESCREVER SEM SABER ESCREVER CONVENCIONALMENTE: A ESCRITA DO ALUNO EM FOCO

Sueli Hamada Araki (Pedagogia - FACCAT)
Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira Leal (orientadora)

RESUMO

Delia Lerner e outros estudiosos defendem que toda criança, independente de seu nível socioeconômico, traz consigo conhecimentos prévios que não podem ser ignorados pela instituição escolar e sim aprimorados dentro desta com boas intervenções dos professores. O aluno como ser atuante passa constantemente por um processo de assimilação e acomodação, tendo níveis de aprendizagem diferentes que exigem do professor acompanhamento preciso para propor a realização de atividades em parceria, por exemplo. Os alunos que ainda não sabem escrever convencionalmente são capazes de produzir texto tendo o professor como escriba e por meio de atividades de escrita como de nomes ou de textos estáveis compreender a maneira de que funciona o sistema de escrita. O texto é o ponto de partida e chegada do processo ensino-aprendizagem, propiciando atividades de leitura, de produção e de análise linguística. É o lugar de interação de sujeitos sociais e também uma unidade básica de ensino, por meio dos gêneros textuais.

Palavras-chave: alfabetização; hipótese de escrita; intervenção; ensino-aprendizagem.

1. PROCEDIMENTOS GARANTIDOS E A INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NA PRÁTICA “ESCREVER SEM SABER ESCREVER CONVENCIONALMENTE”

Para a realização desse trabalho, que visa a uma investigação didática, inicialmente, utilizamos de uma pesquisa bibliográfica, a qual possibilitou embasamento teórico, pois, como afirma Lakatos e Marconi (2006, p. 25), “[...] *o estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar duplicações e certos erros, e representar uma fonte indispensável de informação, podendo até orientar as indagações*”. Para a presente pesquisa foi realizado um estudo consistente de textos bibliográficos e sessões de vídeos que me norteou, fazendo que o meu “olhar” engrandecesse e certificasse das evoluções e reflexões na escrita dos alunos dentro da sala de aula na qual fiquei durante um ano como aluna pesquisadora do programa Bolsa Alfabetização do Estado. Essa formação foi acompanhada diretamente pela nossa orientadora, professora Luciana Ferreira Leal, por meio de várias reuniões de estudo.

No segundo momento, passamos a realizar a pesquisa de campo, a qual pode ser definida conforme Lakatos e Marconi (1991, p. 186): “[...] *aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações acerca de um problema, para a qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queria comprovar, e ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles*”.

Na pesquisa de campo, como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário, pois, conforme Cervo e Berviam (2006, p. 48), “[...] *o questionário é a*



forma utilizada mais ousada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”. A pesquisa didática foi realizada na Escola Estadual Professora Harue Matsumoto Asakawa, em Bastos, no ano de 2014, com os alunos do 2º ano A, tendo como professora regente Dirce Miranda Barbosa do Amaral. Além do questionário, realizamos gravações em formato de vídeo, contendo as situações de aplicação das atividades didáticas com produção de escrita, escrever sem saber escrever convencionalmente.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa é referenciado a existência de dois processos que precisam ocorrer simultaneamente, a aprendizagem de um conhecimento de natureza notacional: a escrita alfabética e a aprendizagem da linguagem que se usa para escrever. Para tanto, é fundamental considerarmos os alunos como escritores plenos, capazes de produzir textos diversos para destinatários reais.

O ato de escrever implica o controle de dois aspectos fundamentais: o **que** escrever e **como** escrever – e isso não é simples, principalmente quando se está aprendendo. Esse é um momento em que os alunos precisam pensar em como escrever, em como se organiza o sistema alfabético de notação. (VELIAGO, 1999, p. 103).

Em função disso, muitas atividades são propostas para os alunos explicitarem suas hipóteses, comparando-as com as dos seus colegas e com a escrita convencional, ao invés de reduzir o ensino à codificação de sons em letras, ou à reprodução de frases ou palavras soltas.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objetivo interessante que merece ser reconhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais) (FERREIRO, 1993, p. 25).

As boas práticas e situações didáticas devem ser garantidas para que os alunos avancem nas hipóteses.

As parlendas e as cantigas são textos de fácil memorização e que muitas vezes os alunos já trazem esse conhecimento de fora da escola. São textos privilegiados para o trabalho de escrita, na qual o foco da atenção é voltado para o próprio ato de escrever, sem prender o pensamento à criação. Possuem construções fáceis, poéticas e ricas em rimas, facilitando a compreensão do código linguístico.

Ambas têm aspecto lúdico que agrada e atrai muito, ajudando a promover o desenvolvimento da oralidade e avanços tanto na leitura como na escrita.

Para os alunos em processo de alfabetização, o trabalho com a letra de parlendas e cantigas é fundamental e imprescindível, não só pela familiaridade com os seus discursos ingênuos, mas também, porque lhes permitem o desafio e a conquista de linguagem verbal por meio da oral, tão forte vivenciada. Essa busca na relação entre as letras e os sons e, a leitura de ajuste do texto, que conhecem decor, aos segmentos escritos, promove uma aprendizagem significativa:

O CRAVO E A ROSA



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

O CRAVO BRIGOU COM A ROSA
DEBAIXO DE UMA SACADA
O CRAVO SAIU FERIDO
E A ROSA DESPEDAÇADA.

O CRAVO FICOU DOENTE,
A ROSA FOI VISITAR.
O CRAVO TEVE UM DESMAIO
E A ROSA PÔS-SE A CHORAR.
(cantiga popular)

A entrevista realizada com a professora regente contemplaram essas perguntas:

- 1) Em sua opinião, o que é uma atividade de proposição escrita para alunos que ainda não sabem escrever convencionalmente?
- 2) Você considera essa prática importante? Por quê?
- 3) O que os alunos aprendem com essa atividade?
- 4) A proposição de escrita de textos pode ser realizada em uma classe de alfabetização? Por quê?
- 5) A proposição de escrita para alunos não alfabetizados é uma atividade permanente em sua rotina? Qual o critério você utiliza para selecionar as proposições?
- 6) Se a resposta à pergunta anterior foi sim, a partir de que momento as propostas de atividades de escrita para alunos não alfabetizados passou a fazer parte de sua rotina escolar? E o que mudou?

O propósito era o esclarecimento quanto à atividade de proposição escrita para alunos que ainda não sabem escrever convencionalmente.

Segundo a professora, é uma atividade importante porque oferece aos alunos a reflexão sobre o sistema de escrita e a sua utilização social. O conhecimento do alfabeto tanto a grafia das letras como seus nomes e valores, fazem com que apropriem a escrita convencional, associando letra e som, quantidade e qualidade na escrita da palavra.

A proposição de escrita de textos também pode ser realizada em uma classe de alfabetização, conforme a professora, pois ao se ditar o texto ao escriba (professor), não há necessidade dos alunos saberem grafar as letras para organizarem as ideias tal como se escreve. Neste momento, ensina-se e sistematiza-se tanto os saberes sobre o sistema de escrita quanto aqueles sobre a linguagem escrita. Em relação ao texto de memória, há reflexão em como escrever as palavras, pois a estrutura da oração os alunos a possuem organizada em suas memórias.

Na rotina da professora, a proposição de escrita é permanente, porque, por meio dessa sondagem, ela obtém parâmetros de avanço dos alunos que possibilitarão também agrupamentos produtivos, em que a interação resulta no avanço em suas hipóteses de escrita.

Quanto ao plano de aula, ele foi assim elaborado:

Escrita de uma cantiga conhecida: “O cravo e a rosa”.

Duração aproximada: 50 minutos.

Material necessário: letras móveis.

Alunos: Kauã, Kaique e Matheus Lúcio.



- 2º ano A.
- Período manhã.
- Escola Estadual Profª. Harue Matsumoto Asakawa.

Objetivo: Possibilitar o avanço dos alunos na reflexão sobre o sistema de escrita, estabelecendo relação entre fala e escrita.

Procedimentos didáticos:

O professor:

- Canta a cantiga com os alunos, garantindo o conhecimento e a memorização da mesma;
- Promove a atividade individual ou em dupla ou em trio utilizando as letras móveis;
- Promove a socialização das produções escritas;
- Intervém com perguntas reflexivas levando os alunos a refletirem sobre a sua escolha, tais como: Qual a primeira letra da palavra?; Essa letra tem esse som?; Leia a palavra marcando suas partes; Que som você percebe no final da palavra?

Os alunos são desafiados a:

- Escolherem quantas e quais letras utilizar na escrita da palavra;
- Interpretarem a própria escrita (ler o que escreveu) e justificarem o porquê de suas escolhas;
- Trocarem informações e aprendizagens sobre a escrita da palavra.

A gravação transcorreu na sala ambiente de informática (SAI) com a presença de três alunos e a professora regente.

Ao gravarmos essa atividade de escrita de uma cantiga, pudemos averiguar dois modos de se trabalhar, um em que cada aluno possuía seu conjunto de letras móveis e produziam independentemente a sua escrita para então socializá-la, outro em que, unidos, produziam a escrita, oportunizando-nos a verificar o desempenho e a dinâmica entre eles.

Nos dois momentos, a professora regente garantiu o conhecimento e a memorização da cantiga “O cravo e a rosa”, apenas com a linguagem oral. Isso se faz necessário para que a atividade seja centrada somente na escrita das palavras. Os protagonistas foram três alunos que se encontram no mesmo nível alfabético, diferenciados pela intensidade de suas dificuldades.

Durante todo o processo, as intervenções da professora proporcionaram aos alunos atitudes de pensar, refletir e expressar opiniões e escolhas. Além de formular perguntas instigantes, cercava-se de cuidados relevantes, para não influenciá-los nas escolhas, respeitá-los quanto ao tempo, sem insistência e sem pressa e principalmente sem lhes dar respostas. Seu tom de voz quanto à sua expressão facial não se alterava, atitude importante que pode bloquear, inibir, ou constranger o aluno a desenvolver a atividade, assim como elogios exacerbados. Diferente da sondagem, houve mais intervenções da professora, troca de conhecimentos entre os alunos e também a leitura silabária, esta utilizada em última instância pela docente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste trabalho que teve o objetivo investigar a prática “escrever sem saber escrever convencionalmente: a escrita do aluno em foco” pode-se considerar, a título de considerações finais, que boas perguntas da professora fazem o aluno pensar e refletir sobre o sistema de escrita. Ou seja, as boas intervenções da professora são decisivas para a evolução da escrita do aluno.

É importante ressaltar que a prática de quatro princípios didáticos na definição de uma boa situação de aprendizagem é quando o professor garante: o aluno colocar em jogo tudo o que sabe e pensa sobre o conteúdo; o aluno tem problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe a produzir; o conteúdo trabalhado mantém as suas características de objeto sociocultural real; a organização da tarefa garante a máxima circulação de informação possível entre os alunos.

Durante muito tempo, considerava-se que o sistema de escrita e a linguagem escrita não eram assimilados simultaneamente pelos alunos. Hoje, podemos dizer que é importante terem contato com textos escritos diversos, para perceberem a relação existente entre diferentes partes de um mesmo texto e, a partir disso extrair suas peculiaridades específicas em uma perspectiva mais técnica.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (1997), é importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura.

De acordo com Geraldi (1999, p.43), a democratização da escola, ainda que falsa, trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas. A escola proporciona aos alunos a posse da variedade linguística socialmente privilegiada que é instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais.

Portanto, precisamos compreender que o processo de alfabetização é longo e que a criança quando chega à escola já traz consigo conhecimentos que influenciarão no seu desenvolvimento e aquisição do conhecimento da escrita alfabética.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. **Actualización Curricular**. Secretaría de Educación, Dirección de Currículum, Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Quíron, 1987.

FERREIRO, Emília. A escrita ... antes das letras. In: SINCLAIR, H. (Ed) **A produção de notações na criança: linguagem, número ritmos e melodias**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.



FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, A. **A teoria na prática: uso de textos na alfabetização**. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/uso%20de%20textos%20na%alfabetizacao.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: ____ **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1991.

LERNER, D.; PIZANI, A. P. **A aprendizagem da língua escrita na escola – reflexões sobre a proposta pedagógica construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MEDEL, C. R. M. de A. **Alfabetizar letrando**. Disponível em: <<http://www.rioei.org/jano/2152Ravena.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb\(abril2006\)](http://portal.mec.gov.br/seb(abril2006))>. Acesso em: 20 dez. 2014.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização: (São Paulo/1876-1994)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RODRIGUES, R. F. T. **Sondagem de alfabetização: uma análise das hipóteses de escrita**. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela14/REVELA13_exp7.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Projeto Didático Brincadeiras tradicionais. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador – 1ª ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; concepção e elaboração, Claudia Rosenberg Aratanga... [e outros]**. - São Paulo: FDE, 2011.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, M. A.; RUBIO, J. de A. S. **A Utilização da Música no Processo de Alfabetização**. Disponível em: <<http://www.facsaoorque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>>. Acesso em: 22 ago.2015.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. São Paulo: Trajetória/Unicamp, 1989.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

VELIAGO, R. **Guia de estudo para o horário de trabalho coletivo: escrever quando não se sabe de.** Bloco 4. Texto 12, p. 103-106.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1999.